

CULTURAS DISCIPLINARES EM ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DE GÊNEROS: EM BUSCA DE UMA PROPOSIÇÃO CONCEITUAL

CULTURAS DISCIPLINARIAS EN EL ANÁLISIS SOCIORETÓRICA DE GÉNERO: EN BÚSQUEDA DE UNA PROPUESTA CONCEPTUAL

DISCIPLINARY CULTURES IN SOCIO-RHETORICAL ANALYSIS OF GENRES: IN SEARCH OF A CONCEPTUAL PROPOSITION

Jorge Tércio Soares Pacheco*

Cibele Gadelha Bernardino**

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: Muitas pesquisas sobre gêneros acadêmicos têm enfatizado a perspectiva teórica das culturas disciplinares, buscando compreender como áreas distintas se portam em relação à concepção, ao uso e ao consumo dos gêneros que fazem parte das interações na academia. Entretanto, é fato que muitos desses estudos não estabeleceram parâmetros definidores para os elementos constituintes de uma cultura disciplinar, ou seja, não deixaram claros os elementos que constroem esse conceito. Desse modo, neste artigo, objetivamos apresentar proposições conceituais sobre os eixos que gravitam em torno da dimensão das culturas disciplinares, explicando em que consiste a aceção de crenças epistêmicas, práticas disciplinares, práticas sociorretóricas e comunidades disciplinares, termos essenciais para uma taxonomia mais palpável de culturas disciplinares. A partir do diálogo com os pressupostos teóricos propostos por Becher (1981, 1987, 2001[1989]) e Hyland (2000, 2009), lançamos, no final deste trabalho, uma proposição conceitual sobre culturas disciplinares na perspectiva de análise de gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas disciplinares. Comunidades disciplinares. Crenças epistêmicas. Práticas disciplinares. Práticas sociorretóricas.

RESUMEN: Numerosas investigaciones sobre géneros académicos han enfatizado la perspectiva teórica de las culturas disciplinarias, buscando comprender cómo se comportan las distintas áreas en relación a la concepción, uso y consumo de los géneros que forman parte de las interacciones en la academia. Sin embargo, es un hecho que muchos de estos estudios no establecieron parámetros definitivos de los elementos constitutivos de una cultura disciplinaria, es decir, no dejaron en claro los elementos que construyen este concepto. Así, en este artículo pretendemos presentar propuestas conceptuales sobre los ejes que gravitan en torno a la dimensión de culturas disciplinarias, explicando cuál es el significado de creencias epistémicas, prácticas disciplinarias, prácticas socio-retóricas y comunidades disciplinarias, términos imprescindibles para una visión más palpable

* Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (/UECE). Membro do Grupo de Pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos/DILETA. Professor de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Fortaleza. E-mail: jorgeterciosp@gmail.com.

** Docente de UECE. Líder do grupo de pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos (DILETA). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. E-mail: cibele.gadelha@uece.br.

taxonomía de culturas disciplinares. A partir del diálogo con los supuestos teóricos propuestos por Becher (1981, 1987, 2001 [1989]) y Hyland (2000, 2009), lanzamos, al final de este trabajo, una propuesta conceptual sobre las culturas disciplinares desde la perspectiva del análisis de género.

PALABRAS CLAVE: Culturas disciplinares. Comunidades disciplinares. Creencias epistémicas. Prácticas disciplinares. Prácticas socio-retóricas.

ABSTRACT: Many researches on academic genres have emphasized the theoretical perspective of disciplinary cultures, seeking to understand how the different areas behave in relation to the conception, use and consumption of the genres that are part of interactions in the academy. However, it is a fact that many of these studies did not establish defining parameters for the constituent elements of a disciplinary culture, that is, they did not make clear the elements that build this concept. Thus, in this article, we aim to present conceptual propositions on the axes that gravitate around the dimension of disciplinary cultures, explaining what is the meaning of epistemic beliefs, disciplinary practices, socio-rhetorical practices and disciplinary communities, essential terms for a more palpable taxonomy of disciplinary cultures. From the dialogue with the theoretical assumptions proposed by Becher (1981, 1987, 2001 [1989]) and Hyland (2000, 2009), we launched, at the end of this work, a conceptual proposition on disciplinary cultures from the perspective of genre analysis.

KEYWORDS: Disciplinary cultures. Disciplinary communities. Epistemic beliefs. Disciplinary practices. Socio-rhetorical practices.

1 INTRODUÇÃO

Há mais de três décadas, pesquisas em torno das variações disciplinares podem ser evidenciadas ao redor do mundo, em virtude, principalmente, da expansão do acesso ao ensino superior. A análise de gêneros nessa perspectiva teórica tem se mostrado um caminho científico muito profícuo, uma vez que o ingresso massivo nas universidades trouxe à tona questões sobre a importância dos gêneros acadêmicos como o espaço por meio do qual o conhecimento científico é partilhado, as interações entre os pares são materializadas e o letramento acadêmico é construído.

Nesse contexto, Morales e Cassany (2008) reconhecem que estudantes universitários, ao iniciarem sua carreira acadêmica, enfrentam dificuldades relacionadas à aprendizagem de práticas letradas particulares das áreas disciplinares que escolheram como carreira profissional. Quando os estudantes são inseridos em um contexto acadêmico, habilidades específicas lhes são exigidas e basicamente estão relacionadas à compreensão e produção dos gêneros acadêmicos. Na maioria das vezes, esses estudantes não estão aptos a desempenhar tais habilidades, dada a complexidade das práticas e dos discursos altamente especializados, cujos significados são construídos conforme uma tradição preestabelecida em cada área disciplinar.

Corroborando essa assertiva, Ylijoki (2000) atesta que dentro de um ambiente acadêmico existem diferentes tipos de valores, objetivos, pressões e problemas, e, por isso, o ensino e a aprendizagem na universidade respondem a diferentes significados conforme a área disciplinar da qual fazem parte. A esse respeito, Navarro (2014) assevera que, para um membro pertencer a uma cultura disciplinar, faz-se necessário participar, de forma exitosa, das práticas de leitura e escrita consensuais de uma comunidade disciplinar, em outras palavras, apoderar-se das convenções próprias de uma dada disciplina é uma premissa para poder incorporar-se ao seu grupo disciplinar.

Já faz algum tempo que pesquisadores têm se debruçado em investigações que visam a compreender as culturas disciplinares. Para exemplificar isso, ressaltamos os estudos de Holmes (1997), que examinou, comparativamente, a organização composicional da seção de Discussão em artigos acadêmicos das áreas de História, Ciência Política e Sociologia, percebendo que a referida seção na área de História apresenta um repertório de movimentos retóricos mais enxuto se comparada à configuração dessa seção nas áreas de Ciência Política e Sociologia; de Parodi (2009) que catalogou os gêneros mais utilizados no processo de formação de estudantes em quatro áreas disciplinares (Química Industrial, Serviço Social, Engenharia Civil e Psicologia), constatando, por exemplo, que estudantes de Psicologia liam até quatro vezes mais que os estudantes de Química Industrial; de Morales (2010) que, ao descrever sociorretoricamente artigos acadêmicos na área de Odontologia, produzidos em língua hispânica, constatou que os pesquisadores dessa área não recorrem a críticas a pesquisas prévias, haja vista a pouca competição entre odontólogos hispânicos; e de Peacock

(2011) que analisou a seção de Métodos de artigos acadêmicos em oito áreas disciplinares (Biologia, Química, Física, Ciências ambientais, Negócios, Linguística, Direito e Administração Social). Embora se trate de um recorte bem reduzido de estudos em torno dessa perspectiva teórica, o intuito aqui foi elucidar algumas pesquisas que têm sido produzidas acerca das variações disciplinares.

Em âmbito nacional, destacamos a pesquisa pioneira de Motta-Roth (1995), que descreveu e comparou os movimentos retóricos recorrentes em resenhas acadêmicas nas áreas de Linguística, Economia e Química produzidas em língua inglesa. Esse trabalho buscou compreender como exemplares do gênero em estudo se realizam em áreas disciplinares distintas. Tratando ainda do mesmo gênero, Bezerra (2002) investigou o comportamento retórico da resenha acadêmica na área de Teologia, buscando compreender como o referido gênero era produzido por membros experientes e iniciantes nessa área disciplinar.

Em relação ao artigo acadêmico, ressaltamos os trabalhos de Silva (1999) que investigou a seção retórica de Resultados e Discussão na área de Química, explicitando os recursos linguísticos utilizados pelos escritores para a realização dos manuscritos; de Hendges (2003) que comparou a seção de Revisão de Literatura em artigos eletrônicos nas áreas disciplinares de Economia e Linguística, indicando aspectos diferenciadores da referida seção nessas publicações dos tradicionais manuscritos impressos; de Costa (2015) que analisou a configuração composicional do artigo experimental nas áreas de Linguística e Medicina.

Embora muitos estudos sobre gêneros acadêmicos tenham se debruçado em reconhecer as particularidades inerentes a cada campo disciplinar, evidenciamos que as pesquisas desenvolvidas não dispuseram ainda de uma definição clara para cultura disciplinar. Portanto, neste artigo, objetivamos delimitar e compreender dimensões teóricas que constituem as áreas disciplinares, levando-nos a propor uma aceção operacional de cultura disciplinar relacionada à análise de gêneros.

Assim, buscando pressupostos teóricos em prol da compreensão conceitual de cultura disciplinar, chamamos ao diálogo os estudos de Becher, que, desde meados da década de 1980, já vinha revelando que diferentes áreas disciplinares apresentam comportamentos distintos, categorizando-as segundo critérios cognitivos e sociais. Em um segundo momento dessa discussão, evidenciamos noções-chave para a apreensão de culturas disciplinares: discurso, comunidade acadêmica e disciplina, com base nos pressupostos teóricos de Hyland (2000; 2009). E, por fim, desenhamos uma definição de cultura disciplinar.

2 ÁREAS DISCIPLINARES E SUAS CATEGORIZAÇÕES

Nos anos de 1980, Becher realiza um empreendimento investigativo que intenta compreender as diversas áreas disciplinares que compõem a academia, para isso, lança mão de renomados pesquisadores de universidades britânicas e americanas sobre a produção do conhecimento em suas áreas disciplinares. A partir desse diálogo com pesquisadores experientes de diversas áreas do conhecimento, o autor chama a atenção para as variações disciplinares, apontando contrastes que envolvem aspectos epistemológicos, sociais, bem como indicando valores e práticas que caracterizam essas áreas disciplinares, como, por exemplo, questões relacionadas à publicação.

As áreas disciplinares mantêm-se unidas, em qualquer grau significativo, por um sistema de acordos compartilhadas, tendo em vista que características típicas da linguagem em contexto acadêmico representam aspectos de uma determinada cultura disciplinar. Assim, cada comunidade disciplinar está eivada de elementos culturais que a definem quanto às tradições, aos costumes, às práticas que envolvem o compartilhamento de conhecimento, às crenças, aos princípios morais e às normas de conduta, evidenciando-se nas formas linguísticas e simbólicas de comunicação (BECHER, 1981, 1987, 2001 [1989]).

Por meio de sua metáfora sobre as “tribos e territórios acadêmicos”, Becher (2001 [1989]) sugere que as formas de organização de áreas disciplinares estão intimamente relacionadas às atividades intelectuais desempenhadas por seus membros. O autor busca evidenciar as diferenças entre os aspectos sociais da comunidade e as propriedades epistemológicas do conhecimento. No tocante aos aspectos epistemológicos, as disciplinas são categorizadas em duras ou brandas, puras ou aplicadas; ao passo que, na dimensão social, as disciplinas podem ser classificadas em convergentes ou divergentes, urbanas ou rurais.

Segundo Becher (2001[1989]), as disciplinas duras apresentam uma teoria bem desenvolvida, leis universais e proposições causais, são cumulativas e os seus resultados são generalizáveis. Nos termos de Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002), essas disciplinas se caracterizam pelo conhecimento atomístico, comparáveis ao processo de solução de um quebra-cabeça. Por outro lado, nas disciplinas brandas, conforme aponta Trowler (2014, p. 18)¹, os limites quanto à sua estrutura teórica não estão fortemente especificados, bem como essas disciplinas “estão sujeitas à moda e têm os problemas vagamente definidos”. Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002) acrescentam que disciplinas brandas como a História e a Sociologia se preocupam com problemas de pesquisa menos restritos (em oposição ao conhecimento atomístico como na área de Física) e, ao mesmo tempo, enfatizam a subjetividade que reside na interpretação dos dados.

Por sua vez, as disciplinas puras e aplicadas se contrastam em relação ao grau de autonomia social. Conforme esclarece Trowler (2014), as disciplinas puras são autorreguladoras e não se relacionam diretamente aos problemas pertinentes às profissões nem ao mundo exterior, centralizam-se na compreensão dos fenômenos em si mesmos. Por outro lado, as disciplinas aplicadas são orientadas pela influência externa em alguma extensão, como, por exemplo, órgãos que regulam as entidades profissionais de áreas e, por esse motivo, são mais relacionadas às profissões. Além disso, disciplinas aplicadas estão sujeitas à aplicação pragmática de pesquisa para problemas sociais.

Quanto à natureza do ensino na universidade, Neumann (2001) observa que, em diferentes disciplinas acadêmicas, as práticas e concepções pedagógicas também variam. Por exemplo, acadêmicos das Ciências Naturais, da Tecnologia e da Medicina dispõem de uma carga-horária maior em atividades de laboratório, aulas práticas e de campo. Nas áreas brandas, há uma preferência maior pelo ensino, enquanto, nas áreas duras, a ênfase maior recai na pesquisa. Para a autora, essa polarização mostra-se um tanto questionável, considerando que pesquisas voltadas ao ensino podem envolver essas duas perspectivas mutuamente.

Conforme pontua Neumann (2001), as práticas educacionais das disciplinas duras na pós-graduação estão fortemente associadas à organização da pesquisa em si, cujo processo de supervisão se baseia no trabalho em grupo. Nessas áreas, a supervisão de pesquisa representa um dos componentes do processo de ensino, ao passo que, nas disciplinas brandas, prevalece a aprendizagem individual, visto que as pesquisas dos alunos nem sempre estão vinculadas ao projeto de um supervisor. As áreas brandas, por seu turno, dão maior atenção ao conhecimento amplo, ao desenvolvimento global dos alunos, estimulando-os quanto ao posicionamento crítico acerca do conhecimento, haja vista a ênfase na criatividade do pensamento e na expressão oral e escrita.

Em uma dimensão social, Becher (2001 [1989]) apresenta uma classificação de quatro células: convergentes e divergentes, urbanas e rurais. As disciplinas convergentes estão fortemente ligadas por sua ideologia, seus valores comuns, seu juízo de qualidade, sua consciência de pertença a uma determinada tradição, seu sentido de nacionalidade. É pertinente pontuar que as fronteiras territoriais e intelectuais das disciplinas convergentes são bem delimitadas. Em contrapartida, em disciplinas divergentes, os membros necessitam de um sentido maior de coesão e identidade compartilhada. As zonas fronteiriças nesses campos não são tão definidas e por isso estão suscetíveis quanto a sua defesa. Trowler (2014) acrescenta que disciplinas convergentes apresentam padrões uniformes na prática de pesquisa, configurando-se em uma elite relativamente estável, enquanto as divergentes são adeptas do desvio intelectual e, por vezes, se aventuram em mudanças de seus padrões de pesquisa.

Em relação ao enfoque urbano e rural, Becher (2001 [1989]) busca comparar as áreas conforme a proporção de pessoas envolvidas na solução de um problema. As disciplinas urbanas são caracterizadas por um ritmo de vida agitado e por um alto grau de atividade coletiva, e, por esse motivo, as lutas por espaços e recursos são mais intensas. Em relação às pesquisas, há uma ênfase maior em questões cujas soluções podem ocorrer de forma mais rápida, visto que, nessas áreas, a competitividade é mais acirrada, levando seus pesquisadores a se preocuparem tanto com o sigilo dos dados, quanto com a publicação rápida dos seus resultados de pesquisa. Nas disciplinas rurais, por se concentrarem em territórios maiores, a interação entre os pesquisadores e a proporção de pessoa por problema é menor, podendo demandar um tempo maior para atingir os objetivos de pesquisa. Além disso, nessas áreas, há um envolvimento mais estreito com questões de grande alcance, os quais podem levar anos para ser solucionados.

¹[Soft disciplines have unclear boundaries, relatively unspecified theoretical structure,] are subject to fashions and have loosely defined problems (TROWLER, 2014, p. 18).

Exemplificando essa taxonomia, Becher (2001 [1989]) diz que a área de Física é uma disciplina dura, pura, convergente e urbana; a Sociologia é branda, pura, divergente e rural; a Engenharia é dura, aplicada, convergente e urbana; a Economia é dura, aplicada, convergente e rural. Com base nessa classificação, Trowler (2014) mostra que essas diferenças dizem respeito ao modo como os membros de culturas disciplinares se comunicam, abordam os problemas de pesquisa, consideram o que é relevante ou não para a área. Assim, disciplinas duras e puras apresentam um consenso considerável em termos de atitudes, valores e práticas relacionados à pesquisa; enquanto, em disciplinas brandas, há uma diversidade ou até conflito sobre questões fundamentais, como a própria natureza da disciplina. As diferenças quanto às culturas disciplinares se resvalam ainda nas carreiras profissionais, nas atividades de pesquisa fora dos contextos universitários e nas práticas de publicação.

É importante destacar que Trowler (2014) questiona essa categorização, à medida que essas disciplinas, quando analisadas de uma longa distância, mostram-se delimitadas e visíveis; porém, quando as lentes se aproximam delas, tornam-se perceptíveis as suas rachaduras, como também as congruências entre áreas disciplinares aparentemente diferentes. Melhor dizendo, as diferenças territoriais não são tão evidentes como propunha a metáfora territorial de Becher (2001 [1989]). Segundo Trowler (2014, p. 19), “a paisagem é excepcionalmente complicada e está mudando rapidamente para se tornar ainda mais complicada com o passar do tempo”². A respeito disso, o autor rejeita essa concepção imprecisa e tendenciosa do termo tribos como uma classificação pejorativa eivada do colonialismo imperialista.

Ainda a respeito das classificações das disciplinas acadêmicas, Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002) chamam a atenção para o fato de que essas polarizações apresentam limitações, tendo em conta que dificilmente as características de uma disciplina apontam para só um dos eixos (social ou epistemológico) da cultura disciplinar. Em um contexto de ensino de pós-graduação, Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002) categorizam as áreas disciplinares em colaborativas e solitárias. Os autores reconhecem a limitação de uma classificação simplificada como esta, no entanto, para o efeito de descrever a inter-relação entre a epistemologia e a estrutura social disciplinar em cursos de doutorado, essa taxonomia se mostrou relativamente pertinente. Áreas disciplinares colaborativas “envolvem um apagamento normativo da subjetividade individual, ao passo que as disciplinas solitárias adotam como pressuposto a subjetividade individual como prática disciplinar” (TURNER; MILLER; MITCHELL-KERNAN, 2002, p. 53)³.

Assim, em uma área disciplinar solitária, os componentes de um trabalho cognitivo, geralmente, não são divididos, mostrando-se difícil a sua execução por meio de uma equipe de professores e alunos. Por outro lado, não implica dizer que em disciplinas eruditas como a Filosofia não sejam concebíveis o trabalho em colaboração, embora áreas como essas não demonstrem a realização de trabalhos nesses moldes. Em áreas disciplinares colaborativas, são exigidas formas compartilhadas de pesquisa, cujos problemas intelectuais podem ser divididos para uma realização mais eficaz. Nessa perspectiva de investigação, não há lugar para a subjetividade individual quanto à produção de conhecimento, uma vez que o saber construído é acordado coletivamente conforme os ditames estabelecidos da disciplina. Em outros termos, os resultados de um trabalho intelectual não podem ser associados ao olhar particular do pesquisador. Entretanto, é relevante destacar que, mesmo em disciplinas colaborativas, as tensões em torno do *status* das contribuições cognitivas individuais também podem ser evidenciadas (TURNER; MILLER; MITCHELL-KERNAN, 2002). Consideramos que a subjetividade não é de toda suprimida nessas disciplinas, mas redimensionada de uma percepção/perspectiva individual para a de um grupo.

É fato que as mudanças na prática acadêmica têm possibilitado que as áreas disciplinares tornem-se cada vez mais complexas, como também se subdividam em novas áreas (HUGHES, 2013). Acerca disso, Trowler (2014, p. 22) reconhece outras estruturas poderosas, como tecnologias, ideologias e práticas gerenciais que influenciam a prática disciplinar. Em uma perspectiva teórica da prática social, o autor passa a entender as disciplinas acadêmicas como maleáveis, como sistemas abertos, que são influenciados de maneiras contextualmente contingentes por características sociais e materiais. As identidades acadêmicas individuais e as relações

² The landscape is an exceptionally complicated one, and is quickly changing to become even more complicated as time goes on (TROWLER, 2014, p. 19).

³ [In short, the collaborative disciplines] involve a normative erasure of individual subjectivity while the lone-scholar disciplinary culture is premised upon individual subjectivity as disciplinary praxis (TURNER; MILLER; MITCHELL-KERNAN, 2002, p. 53).

de poder são significativas na estruturação de como as práticas disciplinares são instanciadas em locais específicos.”⁴ Hughes (2013) chama a atenção para o fato de que, embora se perceba que as fronteiras dos territórios acadêmicos não se mostrem tão delimitadas, dada a sua constante mudança e contestação, o desejo de pertencer a uma comunidade disciplinar se mantém presente ainda hoje.

Embora muitos estudos tenham se debruçado sobre a compreensão das áreas disciplinares por meio de categorias definidoras dessas áreas, não se evidencia claramente na literatura uma elaboração conceitual sobre o termo cultura disciplinar. Compartilhamos a compreensão de que a categorização das áreas pode nos ajudar a entender fronteiras, limites e interseções entre os diversos campos do conhecimento, mas não é suficiente para a construção de um conceito que dê conta da operacionalização analítica do termo cultura disciplinar tão amplamente utilizado hoje em dia. Desse modo, visando à construção de um conceito sobre culturas disciplinares que possa ser produtivo para a análise de gêneros acadêmicos, buscamos nos fundamentar nas discussões de Hyland (2000; 2009), Azuara (2013) e Navarro (2014) acerca de disciplinas, comunidades acadêmicas, escrita e discursos acadêmicos. Essas concepções se mostram intimamente imbricadas, de modo que, para a compreensão de um desses termos, faz-se necessário recorrer à compreensão dos outros.

3 DISCIPLINAS E COMUNIDADES ACADÊMICAS

Conforme aponta Hyland (2000), cada disciplina apresenta um acervo de valores e práticas marcantes que a caracteriza em relação às demais áreas da academia. Todavia, esses traços que particularizam as áreas não se revelam apenas por meio da terminologia específica das disciplinas, pelo contrário, eles se evidenciam nos modos de conceber o conhecimento, na construção de seus discursos e nas práticas sociais recorrentes que permeiam a academia em um contexto disciplinar específico. Na visão de Bhatia:

Disciplinas [...] são compreendidas principalmente em termos de conhecimentos específicos, metodologias e práticas compartilhadas por membros de sua comunidade, especialmente suas formas de pensar, construir e consumir conhecimento, suas normas e epistemologias específicas e, acima de tudo, seus objetivos típicos e práticas disciplinares para atingir esses objetivos. (BHATIA, 2004, p. 32)⁵

Em outras palavras, disciplina se caracteriza por apresentar modos típicos de pensar, construir e consumir o conhecimento, como também por adotar metodologias e epistemologias que tentam se adequar aos objetos investigados. Nessa mesma linha, Hyland (2009) sugere que disciplina pode ser compreendida pelos variados papéis, identidades, relações, reputações, sistemas de recompensa e outras práticas sociais.

Embora Becher (1981; 2001 [1989]) reconheça que as disciplinas se caracterizam por apresentar elementos unificadores, elas estão longe de ser entidades homogêneas e estáveis, haja vista a complexidade e a variedade de abordagens que podem conviver em uma disciplina. Além disso, a natureza de qualquer disciplina é suscetível à variação ao longo do tempo e do espaço. Confirmando essa premissa, Hyland (2009) indica que as fronteiras das disciplinas eruditas estão mudando e se dissolvendo em função das variações histórico-geográficas. O autor acrescenta que as disciplinas não podem ser entendidas como instituições monolíticas de geração de conhecimento, mas como espaços de lutas locais sobre recursos e reconhecimento.

Considerando as disciplinas como instituições fluidas, Trowler (2014, p. 22) propõe uma conceituação que tenta ultrapassar a delimitação tribal de Becher (2001 [1989]), assim, o autor diz que: “disciplinas são reservatórios de modos de saber que, em combinação dinâmica com outros fenômenos estruturais, podem condicionar práticas comportamentais, conjuntos de discursos,

⁴ Individual academic identities and power relations are significant in structuring how disciplinary practices are instantiated in specific locales (TROWLER, 2014, p. 22).

⁵ Disciplines [, on the other hand, in spite of the overlap with registers, have their typical characteristics, and] are primarily understood in terms of the specific knowledge, methodologies and shared practices of their community members, especially their ways of thinking, constructing and consuming knowledge, their specific norms and epistemologies and, above all, their typical goals and disciplinary practices to achieve those goals (BHATIA, 2004, p. 32)⁵.

modos de pensar, procedimentos, respostas emocionais e motivações”⁶. Nessa ótica, concebemos a disciplina como o espaço onde uma determinada comunidade acadêmica vem acumulando, no decorrer de sua história, o seu acervo cultural, o qual vem moldar as práticas retóricas recorrentes no que diz respeito à construção do conhecimento, à escolha de determinados gêneros em detrimento de outros, à relação entre os seus membros, aos modos de publicação, em suma, esse conjunto de informações armazenado orienta os comportamentos específicos de uma área disciplinar. Para Trowler (2014), embora possa haver conflitos dentro das disciplinas, há um consenso quanto às figuras-chave, conflitos e conquistas que as tornam una. Nessa construção conceitual, o autor ressalta que as disciplinas enquanto instituições organizacionais apresentam hierarquias distintas que lhes conferem vantagem e desvantagem.

Consoante Morales e Cassany (2008), cada disciplina é constituída por uma comunidade discursiva em que as práticas de leitura, escrita e utilização dos gêneros são fruto de uma construção histórica que envolve as relações existentes em seu entorno geográfico e cultural. Nessa perspectiva, Hyland (2000; 2009) compreende comunidades acadêmicas como grupos relativamente estáveis, cujos membros se relacionam consensualmente em suas práticas sociais e na utilização da linguagem. Em outros termos, comunidades acadêmicas são passíveis de divergências, visto que a sua composição pode abraçar discursos antagônicos, teorias contestáveis, como também pode agregar componentes ocasionais. Assim, nessa pluralidade de práticas e de crenças, a inovação de uma comunidade torna-se possível.

Hyland (2009) atesta que a comunidade acadêmica está associada à linguagem, tendo em vista que a utiliza para interagir com os seus pares, por meio de normas particulares, categorizações e conjunto de convenções que conduzem à realização de suas atividades. A maneira como os membros de uma comunidade interagem, trocam informações e realizam as ações retóricas varia conforme o grupo do qual fazem parte. O autor diz ainda que uma comunidade acadêmica detém conhecimentos que norteiam a atribuição de significado que é produzido em suas interações, ou seja, a forma como os membros de uma comunidade acadêmica se comunicam diz muito sobre uma área disciplinar. Dessa forma, as comunidades acadêmicas adotam formas particulares de representação, encorajando a construção de determinados tipos de identidades. Conforme Pose e Trinchero (2014), membros de uma comunidade acadêmica devem legitimar sua voz dentro da sua disciplina, mostrando que detém conhecimento sobre léxico específico, conceitos, metodologias e práticas de pesquisa.

Segundo Hyland (2009), em uma comunidade acadêmica, nem todos os participantes concordam em tudo, visto que disciplinas representam os contextos em que a discordância pode ser deliberada. Para nós, essas divergências movimentam a construção do saber, representam uma força propulsora para o novo, seja por meio de aspectos teóricos e metodológicos, seja pelas imposições externas à academia. Em síntese, as comunidades acadêmicas são instituições humanas cujas ações são influenciadas por questões pessoais e biográficas, mas, sobretudo, pela academia e pelo entorno sociocultural.

4 ESCRITA E DISCURSO ACADÊMICOS

Para a compreensão de culturas disciplinares, faz-se pertinente perceber como o discurso acadêmico permeia instâncias essenciais da universidade, como a produção escrita e a construção do conhecimento. Conforme Hyland (2000; 2009), o discurso acadêmico se refere às maneiras pelas quais a linguagem é concebida e realizada na academia. É responsável por construir os papéis e as relações sociais que transpassam a academia, sustentando, assim, as disciplinas e a própria criação do conhecimento. Para o autor, a academia não vive sem seus discursos, uma vez que estes se concentram no bojo das práticas sociais das quais seus membros participam.

Nessa mesma linha teórica, Azuara (2013, p. 27) atesta que “[...] a comunicação é alma da vida acadêmica”, considerando que “a promoção do conhecimento e o estabelecimento de prestígio dependem necessariamente dela”⁷. A autora destaca que os modelos

⁶ Disciplines are reservoirs of ways of knowing which, in dynamic combination with other structural phenomena, can condition behavioural practices, sets of discourses, ways of thinking, procedures, emotional responses and motivations (TROWLER, 2014, p. 22).

⁷ “La comunicación es el alma de la vida académica. Tanto la promoción del conocimiento como el establecimiento de un prestigio dependem necesariamente de ella” (AZUARA, 2013, p. 27).

de comunicação utilizados e privilegiados por membros de uma comunidade denotam aspectos típicos de uma cultura disciplinar. Para Hyland (2000; 2009), a escrita acadêmica, dada a sua função comunicativa, pode ser considerada o protótipo do discurso acadêmico, visto que representa um acervo de significados que dão identidade a uma cultura disciplinar. Assim, um membro de uma determinada comunidade disciplinar deve ser capaz de produzir gêneros conforme o conjunto de acordos, normas e coerções que orientam as práticas comunicativas de seus agentes sociais. Como aponta Hyland (2000), o discurso disciplinar representa uma rica fonte de informações a respeito das práticas sociais acadêmicas, como também pode ser entendido como um conjunto de declarações que revelam os valores e as crenças de uma comunidade disciplinar.

Nessa perspectiva, o discurso acadêmico obriga seus agentes sociais a reverem seus posicionamentos para uma melhor adequação aos ditames das práticas institucionalizadas no domínio discursivo das universidades. As vivências prévias que os estudantes tiveram no ensino básico quanto à produção de gêneros pouco serão levadas em conta, haja vista, na universidade, as formas que legitimam a produção de significados não são muitas distintas. Nesses novos contextos, são estabelecidos novos termos técnicos e/ou específicos para explicar como as coisas acontecem ou existem (HYLAND, 2009). Dada a complexidade dos discursos acadêmicos, Navarro (2014) indica que os estudantes devem lançar mão de estratégias que possibilitem representar os significados conforme as bases de sua cultura disciplinar.

Considerando o discurso como uma construção social, Hyland (2000) diz que a escrita não representa apenas um aspecto do que se realiza em uma cultura disciplinar, pelo contrário, a escrita é compreendida como uma importante dimensão da produção dessa cultura. Nesses termos, compreender a produção escrita na academia requer uma apreensão dos comportamentos sociais dos grupos disciplinares, assim como suas crenças no que diz respeito à construção do conhecimento e suas estruturas institucionais, ou seja, faz-se necessário conhecer o mundo onde esses textos estão inseridos, são construídos e são consumidos.

A forte ênfase dada à escrita acadêmica se deve ao fato de que a academia é, em grande medida, fruto da escrita, pois a construção do conhecimento e a manutenção de seus valores e suas crenças se realizam por meio dos gêneros, tais como: artigos acadêmicos, resenhas, livros didáticos, guias de estudos, entre outros gêneros (HYLAND, 2000). Contudo, a escrita não se restringe apenas ao âmbito da divulgação e do consumo do conhecimento, pelo contrário, segundo Morales e Cassany (2008), grande parte das práticas sociais na academia gravita em torno da escrita, como o uso de protocolo de laboratório, informe, projeto, memorial, ofícios, relatórios, portarias, pareceres, entre outros gêneros da esfera mais administrativa.

Nessa perspectiva, a escrita acadêmica é parte constituinte das disciplinas, à medida que um campo disciplinar pode ser evidenciado pela sua produção de gêneros. A construção dos discursos nos e pelos gêneros é responsável por negociar o conhecimento e a credibilidade da comunidade, como também pela produção e pela manutenção das relações, dos interesses e do *status quo* nas disciplinas. Em outros termos, o conhecimento acadêmico é resultado de acordos, filiações e discussões disciplinares. Dessa forma, o texto acadêmico nunca pode ser tomado como uma representação precisa do mundo real, haja vista a seleção e simbolização de seus significados, ou seja, a realidade é produzida por meio de processos sociais e pela elaboração de textos. É por meio do discurso acadêmico que resultados de pesquisa são constituídos em conhecimento acadêmico (HYLAND, 2000, 2009).

O discurso acadêmico pode ser evidenciado na materialização de textos e nas práticas sociais institucionais. É, por meio do discurso, que nós, enquanto membros de uma comunidade acadêmica, recriamos instituições, atividades, práticas e valores, pois o discurso é um modo de ser. Em suma, as atividades acadêmicas respondem a contextos institucionais socialmente situados, com suas ideologias, controvérsias e normas disciplinares. Assim como as disciplinas e as comunidades acadêmicas não são uniformes, os discursos acadêmicos também não, considerando que são fruto de instâncias interacionais e institucionais resultantes de práticas e estratégias sociais de membros escritores em suas áreas disciplinares.

5 CULTURAS DISCIPLINARES: EM BUSCA DE UM CONCEITO

As concepções de disciplina, discurso acadêmico e comunidade acadêmica têm se mostrado enredadas por características próximas, o que, muitas vezes, torna difícil uma delimitação mais precisa entre os termos. No entanto, Hyland (2000) atesta que o importante

não é a forma como as disciplinas são intituladas, se recebem a designação de culturas, tribos ou comunidades discursivas, mas, sim, como essas acepções podem e devem influenciar a visão sobre a escrita acadêmica, possibilitando compreendê-la no contexto de suas crenças epistêmicas e práticas sociais. Para o autor, o discurso acadêmico revela significativamente uma cultura disciplinar por meio das práticas adotadas em suas pesquisas, do zelo em analisar seus dados, da ética intelectual, da forma como compreende o avanço do conhecimento, da manutenção de autoridade etc.

Na tentativa de elucidar uma acepção de cultura disciplinar, lançamos o olhar para pesquisas pertinentes a essa discussão a fim de compreendermos como as disciplinas se fazem presentes em sua construção discursiva, destacando aspectos relacionados ao reconhecimento acadêmico em uma área disciplinar, à construção do conhecimento, à autoria individual ou coletiva de seus manuscritos, ao uso e à seleção dos gêneros predominantes que respondem aos seus propósitos comunicativos.

O reconhecimento em uma carreira acadêmica, conforme atesta Becher (2001 [1989]), destaca-se fundamentalmente pela publicação dos resultados de suas investigações, porém essa premissa pode variar de uma disciplina para outra. Por exemplo, um profissional da área de Direito pode se tornar um eminente consultor, embora não tenha publicado muito em sua área. Já, em áreas tecnológicas, a publicação mostra-se um complicador, uma vez que a confidencialidade de novas interfaces é uma máxima, em outros termos, nenhum pesquisador entregará, sem ganho algum, suas inovações tecnológicas.

Em determinadas áreas, o empenho dos acadêmicos reside na qualificação e experiência profissional em detrimento de uma carreira acadêmica, como a realização de um doutorado, por exemplo, pois o mercado apresenta posições muito mais atrativas. Assim, um engenheiro empreende grande esforço para produzir um artefato que lhe renda atributos financeiros, pois isso dificilmente seria possível na academia (BECHER, 2001 [1989]).

Na cultura disciplinar da área de Direito, embora a escrita permeie todas as instâncias de sua prática acadêmica, seja no uso das leis, seja na produção de processos, os valores que emanam indicam que, para o reconhecimento de um membro experiente nessa área, não implica obrigatoriamente ser detentor de uma vasta produção escrita (BECHER, 1981). De forma semelhante em culturas disciplinares voltadas para o mercado, o olhar frente às descobertas de pesquisa mostra-se diferente, ou seja, não se faz pertinente propagar para o mundo resultados de pesquisa sem que antes sejam patenteados. Em suma, o reconhecimento de um membro em uma área disciplinar específica é construído pelo conjunto de valores emanados de fatores internos e externos à academia.

Quanto à construção do conhecimento, existem áreas disciplinares que estão enredadas em uma complexa rede de aceleração de descobertas científicas, como a área de Física. Nessa disciplina, por exemplo, há periódicos que agilizam o processo de submissão e avaliação dos artigos, levando em média três meses para a publicação. Além da velocidade como o conhecimento é propagado, é importante ressaltar que o conhecimento, nessa área, é considerado atomístico, haja vista ser concebido por meio do acúmulo de descobertas científicas, em que cada novo achado deve se conectar a um já existente (BECHER, 1987). Nessa mesma linha, evidenciamos que o fluxo de publicação em culturas disciplinares da Saúde é muito dinâmico e constante (PACHECO, 2016; 2020). Um pesquisador entrevistado na pesquisa de Pacheco (2020) pontuou que um manuscrito submetido em um periódico de alto impacto na área de Farmácia, por exemplo, leva em média 3 meses para ser publicado. Por outro lado, disciplinas sociais, como a História e a Sociologia, apresentam uma comunicação mais comedida e, além disso, não concebem o conhecimento na perspectiva cumulativa, tendo em vista que podem se basear na reiteração e reinterpretação de um objeto que já tenha sido investigado por outro viés ou por outro pesquisador (BECHER, 2001 [1989]).

Dada a fragmentação, articulação e rapidez com que a construção do conhecimento é concebida na área de Física, a autoria de artigos, conforme pontua Becher (1987), mostra-se extremamente coletiva. Corroborando essa assertiva, quando observamos a área de Nutrição (PACHECO, 2016) e as áreas de Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia (PACHECO, 2020), encontramos inúmeros exemplares de manuscrito provenientes de estudos multicêntricos, que envolvem vários autores de instituições diversas, ultrapassando os limites da área de História, por exemplo, que tem a tradição de autoria individual (FREITAS, 2018). A esse respeito, Becher (1987) já indicava que, em alguns campos, seria aceitável a publicação com dois ou mais autores, enquanto, em outros, a norma seria a autoria individual. Nas áreas de Sociologia e História, não é coerente, em sua linha interpretativa, o olhar coletivo de seu objeto de investigação, já que a voz autoral é muito estimada.

Confirmando essas proposições, Freitas (2018), ao investigar artigos acadêmicos na área de História, reconhece que grande parte da produção nessa área é individual. Em sua amostra, apenas três artigos foram produzidos por mais de um autor, o que reforça o caráter extremamente interpretativo e solitário do trabalho historiográfico. Esses dados corroboram a categorização das disciplinas em solitárias e colaborativas pontuadas por Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002), indicando que determinadas áreas são adeptas de atividades compartilhadas, enquanto outras consideram inconcebível um trabalho que envolva mais de um pesquisador. O trabalho historiográfico é essencialmente interpretativo de modo que os autores concebem a pesquisa como uma ação solitária.

É importante destacar que a velocidade com que o conhecimento deve ser construído em uma disciplina provoca mudanças essenciais no modo como as comunidades disciplinares devem encarar suas práticas de pesquisa. Assim, em culturas disciplinares colaborativas, o conhecimento é produzido de forma mais acelerada em virtude do trabalho compartilhado.

O uso dos gêneros também é condicionado às variações disciplinares, de modo que um gênero que confere autoridade em uma disciplina, em outra pode não apresentar o mesmo valor. Becher (1981; 2001 [1989]) e Freitas (2018) apontam que, na área de História, há uma forte adesão à produção do livro, uma vez que essa publicação lhe atribui maior prestígio que artigos acadêmicos. Nas áreas que valorizam o livro, torna-se comum também a publicação de resenhas com o propósito de divulgar para seus pares a apreciação de um trabalho de renome para a área. Considerando a recorrência desse gênero, Navarro (2014) aponta que, nas áreas de Humanas, é corriqueira ainda a utilização de resenha de formação, visando estimular a vivência acadêmica de seus estudantes. Por outro lado, existem disciplinas que valorizam gêneros curtos (artigo, *short communication* etc), dada a velocidade com que o conhecimento é produzido e consumido.

Nessa ótica, Becher (2001 [1989]) aponta que o prestígio, na área de Física, consiste no anúncio de descobertas por meio de artigos acadêmicos em detrimento de livros, por exemplo. Na mesma perspectiva, Motta-Roth e Hendges (2010) sugerem que, na área de Química, têm-se optado pelo uso de um resumo mais amplo em substituição ao artigo acadêmico. É importante sublinhar que, considerando a baixa publicação de livros, o uso de resenhas se torna desnecessário para essas áreas disciplinares. Sob esse mesmo prisma, um pesquisador entrevistado na pesquisa de Pacheco (2016) revelou que, na área de Nutrição, os pesquisadores pouco se utilizam de livros para aquisição de conhecimento, pois a base para a atualização reside no consumo de artigos, e, por conseguinte, desconsideram a resenha como gênero de relevância para a área. Segundo esse pesquisador entrevistado, um livro demanda muito tempo desde a sua concepção até a sua publicação, de modo que os conhecimentos ali construídos já nascem desatualizados.

Podemos perceber que a velocidade com que as culturas disciplinares concebem a construção do conhecimento influi sobremaneira na escolha dos gêneros que melhor se adequam a sua realidade e a seus objetivos. Em culturas disciplinares cuja interpretação consiste no olhar subjetivo de um pesquisador, a rapidez do conhecimento não é uma ótica que se deve tomar como parâmetro. Pesquisas antropológicas, por exemplo, demandam anos para a publicação de um livro, haja vista o tempo que o pesquisador se debruça em coletar os dados como também em interpretá-los. Dada a complexidade com que esses achados são (re) significados e o tempo de maturação dessa interpretação, os livros correspondem às expectativas de tal comunidade disciplinar, ao passo que, em uma cultura disciplinar que concebe a construção do conhecimento de forma acelerada, esse gênero não se mostra a opção mais oportuna.

Ainda em consonância com a fluidez em que pesquisas são publicadas, áreas cuja rapidez da propagação do conhecimento é a ótica tendem a compactar os seus achados em manuscritos cada vez menores. Na área de Física, os artigos comumente não ultrapassam a dimensão de três ou quatro laudas (BECHER, 1989). Em culturas disciplinares da grande área da Saúde, como, por exemplo, nas áreas de Nutrição (PACHECO, 2016), de Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia (PACHECO, 2020) e de Psicologia (ABREU, 2016), os manuscritos também se mostram enxutos, já que grande parte dos dados é disponibilizada em tabelas ou gráficos autoexplicativos, excluindo, assim, a necessidade de uma textualização mais detalhada desses resultados. Por sua vez, Becher (1987) indica que, nas áreas de Sociologia e História, os artigos apresentam uma média de 20 e 30 páginas, respectivamente. De forma semelhante, Freitas (2018), ao analisar a cultura disciplinar da área de História, observou, em sua amostra, que a dimensão do manuscrito alcançou uma média de 23 páginas, embora alguns exemplares tenham ultrapassado a marca de 30 páginas. Ao contrário das demais áreas em que muitos dados podem ser condensados em tabelas, por exemplo, o trabalho historiográfico, em

virtude de seu caráter interpretativo, demanda mais espaço para a análise e discussão dos resultados, já que os historiadores se propõem a defender uma nova visão para um fato histórico, muitas vezes, já investigado.

Assim, em culturas disciplinares solitárias, geralmente, as pesquisas envolvem a reinterpretação subjetiva dos fatos, demandando um espaço maior para sua explanação, em outros termos, há uma prevalência por textos mais longos, tendo em vista a complexidade em atribuir significado ao objeto investigado. Em contrapartida, em culturas disciplinares que concebem a velocidade e compartimentação como uma ótica da construção do conhecimento, os valores agregados à sua cultura não compactuam com a utilização de gêneros longos, pois o conhecimento é construído e consumido de forma rápida por sua comunidade disciplinar. Dessa forma, para agregar novos conhecimentos, os membros de uma dada comunidade devem partir dos saberes acumulados na área.

Levando em consideração trabalhos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos - DILETA, evidenciamos que o gênero artigo, embora seja o gênero contemplado pela academia para a aquisição e divulgação de conhecimento, apresenta configurações composicionais diferentes quando olhamos para áreas disciplinares distintas, confirmando assim as proposições de Bhatia (2004) de que os gêneros são suscetíveis às variações disciplinares.

Dentro do escopo do nosso grupo de pesquisa, destacamos os trabalhos: de Bernardino e Pacheco (2017), que, ao analisarem a seção de Introdução em artigos da área de Nutrição, propõem como critério de prototipicidade de uma unidade informacional a recorrência mínima de 50% em exemplares de um mesmo gênero em estudo; de Bernardino e Abreu (2018), que, ao descreverem a seção de Metodologia em artigos da área de Psicologia, contribuem para a discussão sobre o termo razão subjacente proposto por Swales (1990); de Pacheco, Bernardino e Freitas (2018), que constroem um percurso metodológico de análise de gêneros à luz das culturas disciplinares; de Pacheco, Abreu e Bernardino (2018), que traçam um perfil comparativo entre culturas disciplinares com base nas fontes de pesquisas mais consumidas pelas áreas de Linguística, Nutrição e Psicologia; e de Freitas, Bernardino e Pacheco (2021), que descrevem o comportamento sociorretórico da seção de Introdução de artigos da área de História, entre outros estudos.

Em relação à configuração global do gênero artigo acadêmico, por exemplo, destacamos que a unidade retórica de revisão de literatura não recebe a mesma atenção nas diversas disciplinas da academia. Por exemplo, na área de Linguística (COSTA, 2015), uma forte atenção é dada à discussão de pesquisas prévias e aos pressupostos teóricos que embasam um estudo, destinando parte da Introdução para retomada de estudos anteriores, como também dedicando uma seção do artigo para a apresentação dos fundamentos teóricos centrais para o empreendimento analítico de uma pesquisa. Por outro lado, em culturas disciplinares da área da Saúde (PACHECO, 2016; 2020), não há o mesmo empenho, já que os seus manuscritos não dispõem de uma seção específica para esse fim, apresentando-se, de forma breve, estudos anteriores somente na Introdução e na Discussão. Já na área de Psicologia, embora também não haja uma seção voltada para pesquisas prévias e fundamentação teórica, ela se faz presente na seção de Introdução de forma mais intensa que na área de Nutrição, já que, em Psicologia, 80% dessa seção se destina ao estudo de pesquisas prévias e à discussão teórica (ABREU, 2016).

Quando pensamos na seção de Metodologia em artigos de análise de dados, diferenças sociorretóricas também podem ser apontadas. Essa seção mostra-se extremamente importante em culturas disciplinares da Saúde, como, por exemplo, nas áreas de Nutrição, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia (PACHECO, 2016; 2020) e Psicologia (ABREU, 2016), apresentando detalhadamente informações pertinentes à natureza da investigação, aos critérios de seleção da amostra, aos instrumentos utilizados, aos parâmetros de análise, enfim, há uma apresentação pormenorizada do caminho seguido para a realização da pesquisa. No entanto, a mesma ênfase não é evidenciada na área de Linguística (COSTA, 2015), por exemplo, já que informações pertinentes a aspectos metodológicos podem estar presentes, de forma breve, na Introdução ou na seção de Resultados e Discussão, como também em uma seção destacada. Em um lado mais extremo, encontramos artigos na área de História (FREITAS, 2018), cujas fontes e abordagens metodológicas empregadas na investigação são brevemente mencionadas na Introdução.

Em suma, um membro de uma comunidade disciplinar deve corresponder às expectativas de sua cultura disciplinar, dando maior ênfase ou não às unidades informacionais que compõem um determinado gênero, considerando que o discurso acadêmico pode se manifestar de forma diferente em contextos disciplinares distintos. Que objetivo teria um membro de uma comunidade disciplinar

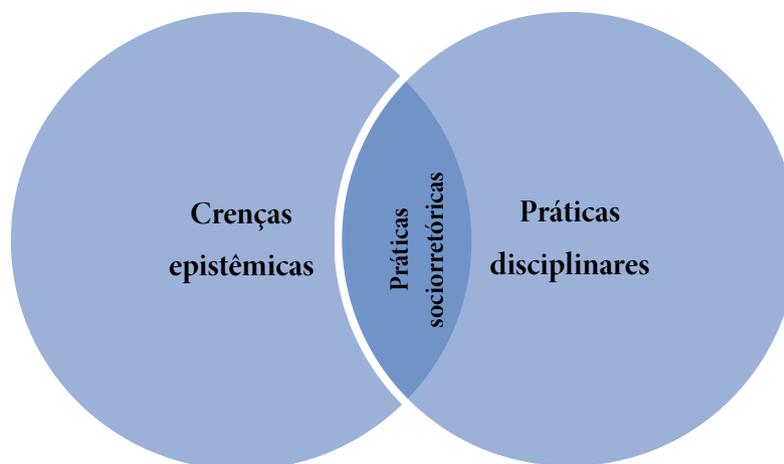
em discorrer detalhadamente sobre pesquisas anteriores e fundamentos teóricos se a sua disciplina comumente se mostra sucinta quanto à realização dessa ação comunicativa? Do mesmo modo, seria adequado um membro de uma comunidade disciplinar negligenciar informações metodológicas em um artigo de uma área disciplinar cuja validade de uma pesquisa se dá justamente pelo detalhamento de aspectos metodológicos? A nosso ver, esse membro não estaria correspondendo às práticas vigentes em sua cultura disciplinar. Embora transgressões sejam possíveis e saudáveis à renovação de uma área disciplinar, isso não se dá por meio de eventos isolados, geralmente, tais mudanças são compartilhadas, de forma regular, pelos membros de maior respaldo de uma comunidade disciplinar.

A partir do que discorreremos ao longo deste artigo teórico, buscamos compreender as nuances que permeiam o universo das culturas disciplinares, uma vez que estão imbricadas nas concepções de disciplina, comunidade disciplinar e discurso acadêmico. Nesse contexto, acreditamos que, em um ambiente acadêmico, a cultura disciplinar corresponde ao acervo de crenças e valores epistêmicos, conhecimentos teóricos e metodológicos e formas de interação adquiridas ao longo de sua construção histórica que orientam e, muitas vezes, regem as práticas sociais e discursivas dos membros de uma comunidade disciplinar.

Esse conjunto de crenças e valores epistêmicos influencia o modo como membros de uma comunidade disciplinar concebem a construção do conhecimento, a seleção dos gêneros que mais se adequam aos seus propósitos comunicativos, a dimensão e a configuração mais apropriada para a realização desses gêneros, como também a forma de encarar o trabalho individual ou coletivo, enfim, esse arquivo cultural que constitui uma área disciplinar promove sanções quanto aos comportamentos inerentes ao fazer acadêmico em uma área específica. Por sua vez, os seus discursos se materializam por meio dos gêneros que melhor respondem aos propósitos da cultura de uma disciplina do conhecimento, como também pela concepção de construção desses gêneros.

O discurso disciplinar não se faz evidente apenas pela terminologia específica de sua área do conhecimento ou por suas crenças epistêmicas, mas, sobretudo, pela forma como uma comunidade disciplinar reverbera as suas ações sociorretóricas recorrentes em conformidade com os anseios de sua disciplina. Nesse sentido, compreender e explicar os gêneros acadêmicos é fundamental para compreender e explicar a própria cultura disciplinar. Destacamos que esse contexto cultural, embora fortemente arraigado a uma herança social das áreas de conhecimento, não se trata de uma unidade impenetrável às mudanças. Entretanto, para que mudanças efetivas realmente ocorram nas concepções culturais de uma área disciplinar, faz-se importante que as ações sociorretóricas recorrentes nas práticas da área sejam reconsideradas por seus membros experientes. Para uma melhor visualização das relações existentes na constituição do conceito de cultura disciplinar, apresentamos a Figura 1.

Culturas disciplinares



Comunidades disciplinares

Figura 1: Culturas disciplinares em análise de gêneros

Fonte: Elaborado pelos autores

Com base na Figura 1, podemos depreender que uma cultura disciplinar se constitui das práticas disciplinares e das crenças epistêmicas que convivem e dialogam em seu entorno, influenciando suas práticas sociorretóricas. A partir da apreciação desses aspectos, compreendemos culturas disciplinares como o arcabouço cultural que abrange os modos particulares de construir as relações sociocomunicativas, bem como os objetivos acadêmicos compartilhados em torno de três relevantes dimensões: as crenças epistêmicas, as práticas disciplinares e as práticas sociorretóricas.

Essas práticas disciplinares (acadêmicas ou profissionais) compreendem as várias formas de interação e argumentação entre seus pares, as diversas maneiras de composição, divulgação e consumo dos gêneros, as relações de poder, as articulações políticas, os princípios morais e as normas de conduta, cuja manutenção também pode ser evidenciada pelos acordos formais presentes nas instituições, associações e agremiações profissionais, conselhos de área, disposições dos periódicos, entre outras entidades disciplinares.

É importante ponderar que essas práticas disciplinares se realizam em conformidade com o acervo epistemológico adquirido ao longo da história de uma disciplina, que envolve seus posicionamentos quanto à produção do conhecimento em uma área. Assim, consideramos crenças epistêmicas como as maneiras particulares de conceber o conhecimento, as quais se consubstanciam diretamente na delimitação e construção dos objetos de pesquisa eleitos por uma área, nas teorias sedimentadas em um campo disciplinar, nas metodologias e técnicas procedimentais adotadas para a apreensão de seus objetos e na natureza ou no tipo de estudo empreendidos.

Por sua vez, as práticas sociorretóricas residem na interseção entre as crenças epistêmicas e as práticas disciplinares, que são materializadas no e pelos gêneros acadêmicos. Assim, a relação intrínseca entre esses dois eixos resulta, por exemplo, no entendimento sobre o funcionamento, sobre a configuração composicional e sobre a organização dos gêneros ou na compreensão sobre o prestígio de um gênero em detrimento de outro para as ações comunicativas das comunidades disciplinares. Nesse sentido, as práticas sociorretóricas compreendem os comportamentos relacionados à concepção, à construção, à circulação, à recepção e ao impacto dos gêneros em uma comunidade disciplinar, ou seja, sem a realização dos gêneros acadêmicos, tanto as crenças epistêmicas quanto as práticas disciplinares não se materializariam de forma mais evidente, melhor dizendo, não ganhariam materialidade nas comunidades disciplinares.

Destacamos que uma análise sociorretórica de gêneros não deve se limitar a apontar diferenças retóricas evidenciadas nos exemplares de um gênero, pelo contrário, faz-se necessário relacionar a configuração composicional do gênero a suas crenças epistêmicas e práticas disciplinares, visando explicá-la e não somente descrevê-la. Para isso, o analista deve recorrer não somente a informações presentes nos textos, mas também lançar mão de dados da cultura disciplinar em investigação, por meio da literatura sobre a história da área, das diretrizes de publicação presentes nos periódicos e manuais e do olhar dos membros experientes de uma comunidade disciplinar. Essa triangulação de dados é o que temos considerado uma análise de gênero tipicamente sociorretórica em oposição a uma análise retórica. A análise sociorretórica considera que a configuração composicional de um gênero não é fruto de um acaso, mas, na verdade, é resultante das crenças, propósitos e práticas disciplinares que se materializam textualmente nos gêneros.

De uma forma geral, a questão aqui levantada dialoga com a preocupação teórica da chamada Análise Crítica de Gênero, particularmente, proposta por Bhatia (2017) a partir da qual o autor defende que a teoria de gêneros deve avançar de uma perspectiva textual para uma perspectiva de uma teoria de contextualização das ações sociodiscursivas materializadas nos e pelos gêneros.

Antes de encerrarmos essa discussão, julgamos pertinente destacar em que medida a aceção de comunidade disciplinar se dissocia do conceito de cultura disciplinar, embora saibamos que essa distinção não seja inofismavelmente excludente. Uma comunidade disciplinar se caracteriza essencialmente pela relação direta de seus membros com os papéis sociais e as práticas que desempenham em suas áreas disciplinares. É por meio de uma comunidade disciplinar que uma cultura disciplinar se mantém, se propaga, se modifica. Em síntese, uma cultura disciplinar, considerando seus três eixos (crenças epistêmicas, práticas disciplinares e práticas sociorretóricas) permanece viva através das ações executadas pelos membros de sua comunidade disciplinar. Ressaltamos que essas dimensões podem receber influências de fatores externos à academia, como, por exemplo, os imperativos do mercado profissional.

Consideramos que as proposições lançadas aqui sobre crenças epistêmicas, práticas disciplinares e práticas sociorretóricas em prol de uma compreensão conceitual de culturas disciplinares representam fundamentos essenciais para uma melhor apreensão dos gêneros acadêmicos, haja vista indicar que áreas disciplinares distintas demonstram características típicas quanto à construção do conhecimento, à valorização dos gêneros, como também à sua produção. Acreditamos que essas categorias teóricas podem orientar a condução de novas pesquisas que visam compreender o comportamento sociorretórico dos gêneros acadêmicos em diversas culturas disciplinares, bem como em outras perspectivas teóricas sobre os gêneros.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. O. *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de psicologia: um estudo sociorretórico*. 2016. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- BERNARDINO, C. G. PACHECO, J. T. S. Uma análise sociorretórica de Introduções em artigos originais da cultura disciplinar da área de Nutrição. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1749-1766, mar. 2017.
- BERNARDINO, C. G.; ABREU, N. O. A unidade retórica de Metodologia em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia: uma investigação sociorretórica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 887-918, Dec. 2018.
- BECHER, T. Towards a definition of disciplinary cultures. *Studies in Higher Education*. v. 6, n. 2, p. 109-122, 1981.
- BECHER, T. *Tribus y territorios académicos: la indagacion intelectual y las culturas de las disciplinas*. Editora Gedisa, Barcelona, 2001.
- BECHER, T. Disciplinary discourse. *Studies in Higher Education*. v.12, n.3, p. 261-274, 1987.
- BHATIA, V. K. *Analysing Genre: language use in professional settings*. Routledge: New York, 2013.
- BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London, Continuum, 2004.
- BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009, p. 159 - 195.
- BHATIA, V. K. *Critical genre analysis: investigating interdiscursive performance in professional practice*. Routledge: New York, 2017.
- COSTA, R. L. S. da. *Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais: um estudo comparativo da descrição sociorretórica*. 2015. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.
- DAHL, T. Textual metadiscourse in research articles: a marker of national culture or of academic discipline? *Journal of Pragmatics*. v.36, p. 1807-1825, 2004.
- FREITAS, T. L. de. *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de História: uma investigação sociorretórica*. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

- FREITAS, T. L. de; BERNARDINO, C. G.; PACHECO, J. T. S. A construção sociorretórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da cultura disciplinar da área de história. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e12702. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12702>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- HENDGES, G. R. *Novos contextos, novos gêneros: a seção de Revisão da Literatura em artigos acadêmicos eletrônicos*. 2001. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.
- HOLMES, R. Genre Analysis, and the social sciences: an investigation of the structure of research article Discussion section in three disciplines. *English for Specific Purposes*, v. 16, n. 4, p. 321-337, 1997.
- HUGHES, M. Book review essay: The territorial nature of organization studies. *Culture and Organization*. v.19, n.3, p.261-274, 2013.
- HYLAND, K. Talking to the academy: Forms of hedging in science research articles. *Written Communication*. v.13, n. 2, p. 251-281, 1996.
- HYLAND, K. Scientific claims and community values: articulating an academic culture. *Language & Communication*. v. 17, n. 1, p. 19-31, 1997.
- HYLAND, K. *Disciplinary discourse: social interactions in academic writing*. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.
- HYLAND, K. *Academic discourse: English in a global context*. London: Continuum, 2009.
- MORALES, O. A.; CASSANY, D. Leer y escribir en la universidad: Hacia la lectura y la escritura crítica de géneros científicos. *Revista Memoralia*, Universidad Nacional Experimental de los Llanos Ezequiel Zamora (Unellez), Cojedes, Venezuela. p.1-14, 2008.
- MORALES, O. A. *Los Géneros Escritos de la Odontología Hispanoamericana: Estructura retórica y estrategias de atenuación en artículos de investigación, casos clínicos y artículos de revisión*. 2010. 359f. Tese (Departamento de Tradução e Ciências da Linguagem) – Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2010.
- MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. 1995. 358 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- NAVARRO, F. (org.) *Manual de escritura para carreras de humanidades*. 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014.
- NEUMANN, R. Disciplinary Differences and University Teaching. *Studies in Higher Education*. v. 26, n. 2, p.135-146, 2001.
- OLIVEIRA, F. *A configuração textual da seção de Metodologia em artigos acadêmicos de Linguística Aplicada*. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.
- PACHECO, J. T. S. *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Nutrição: uma investigação sociorretórica*. 2016. 201 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

PACHECO, J. T. S.; BERNARDINO, C. G.; ABREU, N. O. Culturas disciplinares: influências na produção do gênero artigo acadêmico. *Linguagem em Foco*, v. 10, n. 1, p. 71-82, 2018.

PACHECO, J. T. S.; BERNARDINO, C. G.; FREITAS, T. L. de. Um estudo sociorretórico da seção de Conclusão em artigos originais da cultura disciplinar da área de Nutrição. *Entrepalavras*, Fortaleza, v.8, n.1, jan./abr. 2018.

PACHECO, J. T. S.. *Uma análise comparativa entre culturas disciplinares da Grande área da saúde: semelhanças e diferenças Sociorretóricas em artigos acadêmicos originais*. 2020. 395 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

PARODI, G. University genres in disciplinary domains: social sciences and humanities and basic sciences and engineering. *D.E.L.T.A.*, v.25, n.2, p. 401-426, 2009.

PEACOCK, M. The Structure of the Methods Section in Research Articles Across Eight. *Asian ESP Journal Spring*. v.7, n.2, p. 97-124, 2011.

POSE, R.; TRINCHERI, M. Examen final oral. In: NAVARRO, F. (org.) *Manual de escritura para carreras de humanidades*. 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014. p. 239-284.

SILVA, L. F. *Análise de gênero: uma investigação da seção de Resultados e Discussão em artigos científicos de Química*. 1999. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. Repensando gêneros: nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (orgs.) *Gêneros e seqüências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 197-220.

SWALES, J. M. *Research genres: explorations and applications*. New York: Cambridge: Cambridge University Press, 2004

TROWLER, P. Academic tribes and territories: The theoretical trajectory. *Österreichische Zeitschrift Für Geschichtswissenschaften*. v.25, n.3, p. 17-26, 2014.

TURNER, J. L.; MILLER, M.; MITCHELL-KERNAN, C. Disciplinary Cultures and Graduate Education. *Emergences*, v.12, n.1, p. 47-70, 2002.

YLIJOKI, O. Disciplinary cultures and the moral order of studying – a case-study of four Finnish university departments. *Higher Education*. v.39, p. 339-362, 2000.



Recebido em 29/05/2021. Aceito em 06/09/2021.